

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/1283>

DOI: 10.19141/1809-2454.kerygma.v16.n2.p42-58

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2021 by Centro Universitário Adventista de São Paulo/Faculdade Adventista de Teologia. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

O conceito de cultura no Adventismo e suas implicações

 ELIATHAN CARVALHO LEITE*¹

Resumo: A relação entre cultura, ética e missão cristã afeta a praxe das igrejas e sua relação com o mundo. Na busca por respostas de questões relacionadas ao evangelismo transcultural adventista, alguns questionamentos preliminares devem ser respondidos: O que, de fato, é cultura? Como o cristão deve se portar diante desse assunto? Como a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) compreende o tema? O objetivo deste estudo é contribuir com elementos que tragam maior esclarecimento a tais perguntas. Para tanto, uma pesquisa de revisão bibliográfica e análise documental foi aqui efetuada, buscando analisar os modos de compreensão do conceito. Com isso em mente, é feita análise dos usos do conceito de “cultura” pela IASD nas publicações de seus pioneiros, em suas publicações oficiais e nos escritos de teólogos contemporâneos que se enquadram naquilo que se pode denominar “ortodoxia adventista”. Mediante tal prática, foi possível observar que a IASD compreende o conceito de cultura como conhecimento/identidade de um povo; identidade que é desenvolvida por intermédio de pressupostos adquiridos das mais diversas fontes, ou seja, por

.....

¹ Mestrando em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bacharel em Teologia pela Faculdade Adventista de Teologia (FAT), no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: eliathan.carvalho.l@gmail.com.

*Autor correspondente

Data de submissão: 26/05/2021

Data de aceitação: 10/06/2021

Como citar:

LEITE, E. C. O conceito de cultura no adventismo e suas implicações. **Kerygma**, v. 16, n. 2, 2021. <https://doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v16.n2.p42-58>



elementos fundamentais que compõem a base do paradigma cultural de cada povo, não adotando, desse modo, uma percepção de cultura neutra.

Palavras-Chave: Cultura; Adventismo; Transculturalismo.

The concept of culture in Adventism and its implications

Abstract: The relationship between culture, ethics and Christian mission affects the practice of churches and their relationship with the world. In the search for answers to questions related to cross-cultural Adventist evangelism, some preliminary questions must be answered: What is culture really? How should the Christian behave in this regard? How does the Seventh-day Adventist (SDA) Church understand the theme? The objective of this study is to contribute with elements that bring more clarification to such questions. For this, a bibliographic review and document analysis research was carried out here, seeking to analyze the ways of understanding the concept. With this in mind, the analysis of the uses of the concept of “culture” by the SDA is made in the publications of its pioneers, in its official publications and in the writings of contemporary theologians who fit in what may be called “Adventist orthodoxy.” Through this practice, it was possible to observe that SDA understands the concept of culture as the knowledge/identity of a people; an identity that is developed through assumptions acquired from the most diverse sources, that is, by fundamental elements that make up the basis of the cultural paradigm of each people, thus not adopting a perception of neutral culture.

Keywords: Culture; Adventism; Transculturalism.

A relação entre cultura, ética e missão cristã afeta a praxe das igrejas e sua relação com o mundo. Contudo, conflitos decorrentes do tema são comuns; afinal, a percepção acerca do assunto em questão afeta a praxe da cristandade e sua relação com o mundo como um todo. Com a explosão da missão mundial cristã de evangelização, tais dúvidas são ainda mais recorrentes. Nesse contexto, questões como se a mensagem bíblica deve ser adaptada à cultura de quem a recebe, ou até que ponto isso deve ocorrer, são levantadas constantemente.

Na busca por respostas, no contexto da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), alguns questionamentos preliminares devem ser respondidos, tais como: O que, de fato, é cultura? Como o cristão deve se portar diante desse assunto? Como a IASD compreende e compreendeu o tema ao longo da história? O objetivo deste estudo é contribuir com elementos que tragam maior esclarecimento a tais perguntas.

Para tanto, uma pesquisa de revisão bibliográfica e análise documental foi aqui efetuada, buscando analisar os modos de compreensão do conceito e suas implicações. Com isso em mente, é feita uma análise dos usos do conceito de “cultura” pela IASD nas publicações de seus pioneiros, em suas publicações oficiais e nos escritos de teólogos contemporâneos que se enquadram

naquilo que se pode denominar “ortodoxia adventista”. Antes de dar início ao desenvolvimento dessa pesquisa, contudo, serão apresentadas conceituações léxico-gramaticais de alguns termos importantes que serão empregados ao longo do trabalho.

Segundo Teixeira, “um sistema filosófico se constitui do trinômio – filosofia, cosmovisão e ética” (TEIXEIRA, 2015, p. 34-35). Nesse sentido, filosofia é a forma de pensar, derivada de pressupostos aceitos; cosmovisão é a forma de enxergar as realidades; e ética são as ações praticadas – sendo que todas as três dimensões “se interagem numa relação de causa e efeito” (TEIXEIRA, 2015, p. 34-35).

Tal sistema filosófico relaciona diversos outros conceitos, como aquele expresso pelo termo “pressuposto”. Segundo Ferreira (1986, p. 1.389), pressuposto é “uma circunstância ou fato considerado como antecedente necessário de outro”. Em outros termos, “pressuposto” é tudo aquilo que se admite previamente, usando tal admissão como base para partir a um determinado ponto.

Um segundo termo relevante, próximo ao anterior, é “paradigma”, que, basicamente é compreendido como modelo ou padrão (FERREIRA, 1986, p. 1.389). Kuhn (2009, p. 13), tratando acerca das bases para a história e a filosofia da ciência, declara: “Considero ‘paradigmas’ as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência.” Uma descrição mais clara do significado desse conceito é apresentada por Mautner (2011, p. 225-229), que propõe que o termo representa “um padrão exemplificando, num arranjo convencionalmente fixado, um padrão de pensamento, um conjunto de suposições de fundo dadas como garantidas. São suposições e leis teóricas gerais”.

Ambos os termos já mencionados se correlacionam em forma de fundamento e manifestação. Em outras palavras, são os pressupostos assumidos que, ao serem agrupados, formam um paradigma. A partir desses pressupostos o ser humano chega a estabelecer seu “modelo ou padrão convencionalmente fixado” (KUHN, 2009, p. 13).

Tendo sido tais conceitos alinhados de forma comum, a atenção pode ser agora conduzida à problemática central do presente estudo: a extração e sistematização da concepção adventista do conceito “cultura” e suas implicações.

Perspectiva Adventista do Sétimo Dia acerca da cultura

Desde seus primórdios, a IASD foi estabelecida através do empenho de incansáveis estudiosos da Bíblia (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 80-81). Essa característica é claramente perceptível no estudo dos chamados pioneiros adventistas (os primeiros líderes do movimento) e dos demais líderes e teólogos, tanto locais quanto globais, que serviram à igreja no decorrer dos anos seguintes.

Partindo do pressuposto de que nada de suas crenças deveria ser compreendido à parte da Bíblia (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 80-81), os escritores e teólogos da IASD empreenderam uma produção vasta de escritos nas mais diversas áreas relacionadas à igreja, em todos os seus aspectos de atuação. Nesse contexto, o termo e conceito “cultura”, por diversas vezes, aparece nas publicações desses escritores e teólogos como um aspecto abordado com importância, mesmo não sendo a sistematização desse conceito um dos objetivos observáveis nos escritos dos primórdios do movimento.

A preocupação direta com a sistematização e análise mais profunda do tema têm recebido, porém, notável crescimento, resultando em diversas publicações já disponíveis. Essas referências, mais tímidas a princípio e mais expressivas atualmente, permitem ter uma noção da compreensão de cultura prevalecente na IASD, desde seus primórdios.

Cultura na perspectiva dos pioneiros do Adventismo

A partir da análise dos materiais evangelísticos e doutrinários publicados, muitas das compreensões bíblico-teológicas dos pioneiros podem ser observadas. Em referência à compreensão inicial da IASD acerca do fenômeno “cultura”, destacam-se dois influentes estudiosos: Uriah Smith (1832-1903) e Stephen Haskell (1833-1922).

Uriah Smith [1832-1903]

A conversão de Uriah Smith ao adventismo data do ano de 1852 ([SCHWARZ; GREEN-LEAF, 2009, p. 95](#)). Já em 1853, Smith começou a trabalhar no escritório da Review and Herald, periódico oficial dos adventistas sabatistas, onde, posteriormente, se tornou editor e escritor, trabalhando por mais de 50 anos ([SEVENTH-DAY, 1996, p. 1.200-1.201](#)). Além disso, serviu à organização como professor, administrador, teólogo, orador, ilustrador, artista e poeta ([COLLINS, 2011, p. 143](#)). Tornou-se também o primeiro secretário da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, o que lhe conferiu o status de um dos mais influentes escritores da igreja ([SEVENTH-DAY, 1996, p. 1.200-1.201](#)).

Uma análise dos escritos de Smith proporciona uma noção da compreensão da “cultura” entre os pioneiros adventistas. O termo inglês culture (cultura) é empregado em seus escritos, assim como no restante da produção literária de sua época, com três principais significados: (1) cultura relacionada a cultivo de plantas/vegetais ([SMITH, 1886, p. 33-35](#)); (2) cultura como conhecimento ([SMITH, 1884, p. 233-234](#)); (3) cultura como identidade de um povo ([SMITH, 2014](#)).

Em um mesmo livro, o termo chega a ser aplicado a partir de distintos significados, como corre em *The marvel of nations*, onde se observa o uso de “cultura” na significação agrária e o uso posterior do termo em referência a identidade, envolvendo conhecimento popular ou erudito ([SMITH, 1886, p. 33-35, 48, 50, 53, 211](#)).

Outras declarações, porém, apresentam a terceira aplicação do termo de forma mais clara, como no livro *Considerações sobre Daniel e Apocalipse*. Nessa obra, em meio a uma interpretação profética, Smith faz uso do termo cultura apresentando relações existentes entre tal conceito e fatores raciais e sociais, evocando uma conotação de identidade ou aspectos compartilhados por determinado grupo ([SMITH, 2014](#)).

Essa breve análise permite observar a existência de três possíveis significações do termo culture nos escritos desse período, o que servirá de base para uma melhor exposição do tema através dos escritos de Stephen Haskell.

Stephen Haskell (1833-1922)

Desde sua conversão, Haskell se tornou um pregador entusiasta, responsável pela abertura de congregações adventistas ([SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 95-96](#)). Sua pregação teve início com dedicação parcial do seu tempo ao trabalho, a fim de se manter financeiramente. Após obter conhecimento a respeito do sábado, Haskell pôs seus dons integralmente a serviço da futura IASD e veio a se tornar um evangelista, administrador e líder da igreja. Presidiu associações locais ao redor dos Estados Unidos da América e em outros países distantes ([SEVENTH-DAY, 1996, p. 500](#)). Como escritor, publicou livros como: *The story of Daniel the prophet* ([HASKELL, 1977](#)) e *The cross and its shadow* ([HASKELL, 1914](#)).

Ao que parece, Haskell trabalha de forma mais ampla o conceito de cultura como identidade. Especialmente em suas análises proféticas, ao tratar da cultura grega e sua relação com o cristianismo, surgem elementos que proporcionam maiores esclarecimentos de sua compreensão acerca do tema.

Em *The story of Daniel the prophet*, Haskell apresenta a relação entre a cultura judaica e a cultura grega nos dias de Cristo e em períodos anteriores. Nesse contexto, o termo “cultura” é empregado mediante determinação da forma de pensar, das práticas, instituições e símbolos do cotidiano de um povo, promovendo uma “linguagem comum, religião e lei” ([HASKELL, 1977, p. 183](#)). Haskell explica que a cultura grega é fundamentada nos ensinamentos de Platão e que uma corrente da cultura judaica, do período greco-macedônico, acabou adotando um esforço sincrético entre os ensinamentos bíblicos e os ensinamentos de Platão, resultando nas chamadas “tradições do homem” ([HASKELL, 1977, p. 183](#)).

Assim, nota-se uma compreensão do conceito “cultura” como se referindo a um aglomerado de crenças e práticas de um povo – como a sua identidade. Essa identidade é formada por pressupostos prévios e implicitamente aceitos. No caso da cultura grega, o platonismo. No caso de uma corrente da cultura judaica do período intertestamentário, um sincretismo entre os pressupostos escriturísticos e gregos ([HASKELL, 1977, p. 183](#)).

A essas formações paradigmáticas sincréticas, Haskell dá o nome de “falsa filosofia” ou “falso sistema da religião” ([HASKELL, 1977, p. 183](#)). Em se tratando da cultura grega, ele afirma ser “uma mistura de bem e mal” ([HASKELL, 1977, p. 202](#)), contraposta a uma cultura cristã, por sua vez, fortalecida a partir de uma educação baseada na fé ([HASKELL, 1977, p. 261](#)).

Em comparativo com o cristianismo, a cultura grega é apresentada como “falsa religião e a falsa educação do mundo” ([HASKELL, 1905, p. 42](#)). Haskell (1905, p. 40), portanto, defende que a validade de uma cultura resulta dos pressupostos fundamentados unicamente no conhecimento de Deus, apontando para Paulo, que buscou ensinar na sinagoga e nas escolas o evangelho de Jesus Cristo em lugar da filosofia de Platão. Por essa razão, o autor contrasta a igreja cristã primitiva com o que chama de paganismo ao declarar que, “na escuridão das piores formas de paganismo, a religião e a cultura dos gregos, apoiados pelo governo de Roma, o cristianismo andou como uma virgem imaculada vestida de branco” ([HASKELL, 1905, p. 43](#)).

Em suma, é possível observar nos escritos de Haskell um resumo da compreensão pioneira adventista de cultura: a cultura é delimitada pela forma de pensar, as práticas, instituições e os símbolos do cotidiano de um povo, promovendo uma “linguagem comum, religião e lei” ([HASKELL, 1977, p. 183](#)), sendo que a cultura desvinculada dos padrões bíblicos vem a se tornar uma “falsa filosofia”, um “falso sistema da religião” ([HASKELL, 1977, p. 183](#)), “uma mistura de bem e

mal” (HASKELL, 1977, p. 202), que “leva os homens para mais longe da simples verdade da Palavra de Deus do que qualquer forma de religião ou qualquer opressão do governo” (HASKELL, 1977, p. 227).

Essa mesma concepção foi compartilhada por outros escritores adventistas contemporâneos a Haskell e, com poucas exceções, se manteve de forma consistente nos escritos de grande parte dos teólogos da IASD desde então, como será apresentado mais adiante. Antes disso, porém, para maior esclarecimento desse período inicial, será abordada a seguir a perspectiva de uma das mais influentes escritoras do adventismo, Ellen G. White.

Ellen G. White

Em 1840, White se converteu ao adventismo como resultado de um sermão de Miller (DOUGLASS, 2009, p. 48-49). Após o desapontamento de 1844, ela participou dos grupos de estudo da Bíblia, conhecidos como “conferências sabáticas”, a partir dos quais se originou a base fundamental da IASD (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 65-66). Sendo cofundadora da denominação, suas mais de 100 mil páginas sugerem uma percepção geral do posicionamento teológico dos primeiros líderes do adventismo (DOUGLASS, 2009, p. 108-109).

Ao observar os escritos de White, nota-se facilmente sua atenção dedicada às questões práticas do fenômeno cultura. O termo culture aparece em seus escritos cerca de 900 vezes,² variando entre os três principais significados atribuídos ao termo em sua época, conforme já antes apresentado: (1) cultura relacionada a cultivo de plantas (WHITE, 1990, p. 142, 146; 1991a, p. 191); (2) cultura como conhecimento (WHITE, 2002, p. 321; 1997a, p. 134); e (3) cultura como identidade de um povo (WHITE, 2000a, p. 483).

É importante notar que White atribui a necessidade de pressupostos bíblicos para todas as significações e empregos do termo cultura. Em outras palavras, mesmo ao tratar o aspecto simbólico do termo, seu posicionamento é que se deve ter a Bíblia como base norteadora (WHITE, 1988, p. 509; 1990, p. 180; 1991b, p. 247-248; 1997a, p. 170; 2002, p. 192, 249).

Com isso fica evidente que, em sua compreensão, cultura é a forma como se entende as realidades e se reage a elas. Esse posicionamento a favor de uma cultura com fundamentação bíblica relaciona de forma irrevogável os significados já mencionados do termo. Assim, ao atribuir de maneira assertiva a necessidade de uma formação intelectual pressuposta pela Bíblia (identidade bíblica), White propõe uma fundamentação cultural desde seu âmbito inicial e básico que parta das Escrituras (conhecimento revelacional). Sua ênfase não se dá apenas em que as práticas ou costumes devem estar de acordo com os dizeres divinos, mas que a própria mentalidade (forma de pensar) deve estar condicionada ao “assim diz o Senhor”. De certa forma, ela parece buscar uma formação cultural bíblica – não apenas no âmbito espiritual – que abarque desde a filosofia do indivíduo até a sua praxe.

Dessa forma, White apresenta o fenômeno cultura como a identidade de um povo, observável em suas expressões externas e motivada pela compreensão que possui acerca da revelação divina (WHITE, 2000a, p. 483). Para essa significação é também comum o uso do termo “costumes” em seus escritos (WHITE, 2006b, p. 99, 191).

.....

² Informação constatada através de pesquisa bibliográfica no banco de dados Ellen G. White Writings, disponível em <https://egwwritings.org/>

Essa percepção fica clara ao ser analisado o foco fundamental de seu trato para com a cultura – o conhecimento/identidade cristã. Ao tratar acerca de tal tema, ela parte do pressuposto de que a igreja de Deus deve ser diferente do mundo, se assemelhando no máximo possível ao caráter de Cristo. Sendo assim, o próprio Cristo é apresentado como não participante das filosofias tradicionais ou emergentes existentes em seu tempo, pois fazia unicamente do conhecimento do próprio Deus a sua fundamentação filosófica, refletindo em seu caráter e ética ([WHITE, 1996, p. 40](#)).

White defende ser essa cultura, que havia sido estabelecida por Cristo, a cultura que deveria nortear o cristianismo posterior, sendo que “a verdadeira cultura, o refinamento real de ideias e maneiras, é melhor atingido aprendendo lições na escola de Cristo” ([WHITE, 1993, p. 283](#)). Por essa razão, ela propõe que o cristão “deve revelar uma vida não em harmonia com o mundo, seus costumes e práticas; sendo-lhe necessário experiência pessoal em obter o conhecimento da vontade de Deus” ([WHITE, 2006a, p. 58](#)). Dessa forma, conhecer a vontade de Deus revelada em sua Palavra é apreender o verdadeiro conhecimento e se desenvolver em genuína identidade cristã.

Essa percepção de uma cultura fundamentada unicamente na Palavra de Deus e à luz de Cristo, mediante a associação com o seu caráter, em detrimento da associação com o “mundo”, é levada para todos os níveis da vida, tais como a educação ([WHITE, 1996, p. 484](#)) ou recreações ([WHITE, 2006a, p. 352](#)). Ela propõe que o cristão deve, de fato, viver esse tipo de cultura e que, quando isso é deixado de lado, havendo uma assimilação de uma cultura extrabíblica – ou “extra cristã” –, o cristão deixa de ser cristão de fato, se tornando um “mero moralista humano” ([WHITE, 2000b, p. 315-316](#)). Tais perspectivas são, também, aplicadas ao campo missional, no que diz respeito à assimilação cultural no evangelismo ([WHITE, 1997b, p. 319](#); [2005, p. 267](#); [2006a, p. 213-214](#); [2006b, p. 195](#)).

Adventist Review e Revista Adventista: Panorama geral

Para mais ampla percepção do tema, a presente seção se propõe a realizar uma análise panorâmica do uso do conceito “cultura” como conhecimento/identidade no decorrer do tempo de existência da IASD, tomando como base as publicações da *Review and Herald/Adventist Review* e da *Revista Adventista* – periódicos oficiais da organização ([SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 74](#)), respectivamente, nos Estados Unidos e no Brasil.

A primeira publicação da *Review and Herald* (depois chamada *Adventist Review*) data de 1850. Tendo sido designada, primeiramente, pela alcunha *Second Advent Review and Sabbath Herald*, essa publicação tornou-se, desde seus primórdios, o periódico oficial da IASD. Foi publicado, desde então, de forma ininterrupta e, após sua consolidação, veio a se tornar o principal veículo de comunicação da IASD, o qual teve a responsabilidade de contribuir para a unificação teológica e doutrinária dos adventistas espalhados pelos Estados Unidos da América, e, posteriormente, por todo o globo. Sua versão brasileira nasceu sob a alcunha *Revista Adventista* (RA) e, muito embora seja uma revista distinta, segue a mesma filosofia da norte-americana – assim como o mesmo status de periódico oficial ([SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 74](#)).

A fim de realizar a análise proposta, foi feito uso do acerto on-line da RA, em língua portuguesa, que permite acesso livre às publicações.³ Além disso, foi realizada consulta de artigos publicados na revista em língua inglesa, a partir do acervo de tal versão – especialmente na análise das publicações de período anterior à criação da RA.⁴ Ao realizar busca exaustiva e completa nesses bancos de dados, nota-se que o termo “cultura” surge em cerca de 3.400 páginas das publicações da RA em português, e em cerca de 3 mil edições da versão inglesa. Todas as ocorrências foram analisadas, e o uso do conceito nos materiais em questão foi categorizado, conforme exposto a seguir.

Ainda nas primeiras décadas da publicação em língua inglesa, o conceito é empregado amplamente. Em um artigo não assinado de 1856, denominado “The glory all of God”, o termo é trabalhado em sentido de conhecimento ou erudição ([WHENCE, 1856, p. 107](#)). Na próxima ocorrência, publicada no mesmo ano, por outro lado, o termo é usado em sentido de cultivo moral, de disposição ([KEEP, 1856, p. 171](#)).

O artigo denominado “Christ’s criterion” apresenta outro aspecto relevante à presente discussão. Ao apresentar uma paráfrase da história do jovem rico, o autor apresenta “cultura” como conhecimento ou erudição, mas aplica o termo em paralelo com o conceito de civilização. Em certo sentido, é como se a cultura fosse um dos elementos formadores desse último conceito ([M’CONAUGH, 1880, p. 388](#)).

Essa aplicação conceitual embrionária é percebida de forma constante e progressiva no decorrer dos volumes publicados, embora seja evidente que os demais usos ainda persistam nas publicações. O artigo de Lee S. Wheeler, publicado em 1893 com o título “A higher culture for a higher life” (Uma cultura superior para uma vida superior), por exemplo, trabalha de forma explícita o sentido de “cultura” como identidade de um povo, apresentando um desenvolvimento final desse sentido do termo ([WHEELER, 1893, p. 321](#)).

Nesse artigo, o autor argumenta que, como povo de Deus, criado à sua imagem e semelhança, que almeja morar no lar celestial, os cristãos devem reproduzir a imagem de Cristo. Nesse sentido, os cristãos devem ser possuidores de uma cultura distinta da cultura vigente. Devem apresentar um modo de vida, em suas vestimentas, diversões etc., que os caracterize como diferentes. Em certo sentido, o autor advoga a construção de uma “cultura cristã”, distinta das demais ([WHEELER, 1893, p. 321](#)).

Seguindo sentido aparentemente similar, em um pequeno artigo de 1936, denominado “A cultura de nossos filhos”, [Mckibbin \(1936, p. 7-8\)](#) apresenta o problema da definição do termo cultura e, após apresentá-lo, adiciona ao grupo de significados propostos a definição de cultura como sendo a “fineza de pensar e sentir, refinamento de gosto, graciosidade de maneiras e correção de linguagem, que implica em cultivo e amor das coisas mais elevadas da vida, no desenvolvimento da habilidade e do gosto nas coisas estéticas e espirituais”. Em outras palavras, cultura é a essência da reflexão positiva do caráter e do gosto, tais como práticas refinadas e percepções de caráter espiritual.

.....
³ O acervo consultado abriga publicações do período correspondente aos anos de 1906 a 2016. Disponível em <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso em 03 nov. 2016.

⁴ O acervo consultado abriga publicações do período correspondente aos anos de 1850 a 1998. Disponível em <http://docs.adventistarchives.org/>. Acesso em 03 nov. 2016.

Mediante sua proposta, que consiste em expor o que deve ser realizado no “cultivo positivo dos filhos”, [Mckibbin \(1936, p. 7-8\)](#) defende que o desenvolvimento dos jovens deve ser realizado com atenção proposital, visando proporcionar-lhes uma cultura que lhes permita “atrair almas para Cristo”. Esse “cultivo” proporcionaria as bases valorativas que formariam o caráter da pessoa, balizando o que os jovens viriam a se tornar. Mediante seu argumento, esse modelo de “cultivo” é acessível a todos, pois tem como base “a Bíblia e o Espírito de profecia, [os quais] acham-se cheios de preceitos e sugestões que, se praticados, fariam dos crentes do advento um povo bem-educado, inteligente e culto” ([MCKIBBIN, 1936, p. 7-8](#)).

Anos mais tarde, em uma publicação de 1963, escrita por [Ilho Burigatto \(1963, p. 8-9\)](#), e intitulada “Mais onze”, o termo “cultura” é conceituado da seguinte forma: “Cultura não é o mesmo que preparo; preparo é a aquisição de cultura; cultura é o preparo sistematizado”. Embora seu objetivo seja orientar os líderes da igreja no que diz respeito ao preparo e aos métodos missionários, e não sistematizar o paradigma cultural, Burigatto apresenta a percepção de cultura como um resultado proveniente da assimilação de elementos adquiridos. Em outras palavras, ele apresenta a cultura como o reflexo de um conjunto de pressupostos assimilados.

Um terceiro artigo, escrito em 1970 por Nevil Gorsky, apresenta o conceito em dois significados que, embora distintos, aparecem mutuamente conectados. Ao tratar a respeito das diferenças existentes entre um possível casal, [Gorsky \(1970, p. 7-9\)](#) afirma que “embora o jugo desigual quanto à cultura e estudo dos cônjuges seja até certo ponto superável, é desaconselhável”, atribuindo ao termo um significado estrito de estudo ou conhecimento intelectual. Na sequência, porém, [Gorsky \(1970, p. 7-9\)](#) faz um segundo uso do termo, no qual atribui um significado mais restrito à cultura como identidade ou modo de viver, mencionando esse aspecto através da construção “viver cultural”. Ele propõe que um casal não deve ter um viver cultural muito distinto um do outro, pois isso poderia causar sérios riscos.

Em 1983, o conceito paradigmático exposto ainda se mantém, apresentando, porém, uma ênfase consideravelmente nova no adventismo, no que se refere à construção de tal paradigma. Isso pode ser notado pelo uso que Morris Taylor faz do termo em uma entrevista da RA, a respeito de música sacra. Nessa entrevista, o autor associa a cultura de um povo com a sua identidade e práticas, destacando haver culturas distintas na realidade humana; juntamente com isso, porém, ele evoca um elemento novo que permeia até os dias atuais em algumas alas do adventismo, elemento comum à filosofia – como já abordado –, o conceito de cultura “neutra” ou “neutralidade cultural” ([TAYLOR, 1983, p. 19](#)).

Ao se referir à música, ele declara que “é uma questão filosófica perguntar que cultura é superior ou não” ([TAYLOR, 1983, p. 19](#)). Aparentemente, [Taylor \(1983, p. 19\)](#) associa o aspecto iluminista de neutralidade à sua percepção de cultura, concluindo que “perante Deus todos os povos são iguais”. O que se nota a partir da declaração de Taylor é que, por parte de algumas alas do adventismo, a percepção acerca do conceito de cultura começou a divergir – especialmente no contexto da validade de sua fonte –, ao menos, desde a década de 1980.

A partir de então, essa concepção de “neutralidade cultural” se tornou uma bandeira que tem produzido discussões e divisões na igreja. De um lado há os que são declarados simpatizantes de tal percepção, enquanto do outro estão seus opositores. Tal discussão viria a se tornar cada vez mais acentuada, mesmo em suas implicações mais básicas, como, por exemplo, nos aspectos da liturgia, música e adoração, e evangelismo.

O posicionamento de Taylor, porém, não reflete uma linha única no adventismo, como já mencionado. Tonetti, por exemplo, em 2015, apresenta que “entender a correta relação do evangelho com a cultura [receptora] é um dos grandes desafios na atualidade”, pois uma das funções da missão adventista é “permitir que a igreja avance no respeito às culturas nativas, evitando, porém, cair no sincretismo” ([TONETTI, 2015, p. 19](#)).

[Douglas Reis \(2014\)](#), por sua vez, propõe uma base ainda mais objetiva para a discussão mencionada, expondo de forma mais específica o conceito “ortodoxo” adventista, por assim dizer, conceito retomado posteriormente por [Tonetti \(2015\)](#). Isso é facilitado pelo fato de que seu artigo, publicado em 2014, trata de forma mais objetiva a respeito do paradigma cultural.

Após concordar com a dificuldade de uma conceituação para o termo “cultura”, [Reis \(2014, p. 9-10\)](#) propõe que, “de modo geral, [cultura] inclui costumes, língua, tradições, história e modo de viver de um povo. A cultura se assemelha a um tapete, composto de fios diversos, formando uma peça única com determinada estampa”. Dessa forma, fica evidente sua concepção de cultura como a identidade de um povo, não sendo essa autônoma, mas delineada pelo que se faz dela.

Após tal descrição, [Reis \(2014, p. 9-10\)](#) fundamenta seu artigo em uma estrutura de combate às ideias iluministas e pós-modernas de uma cultura neutra. Sua argumentação é que, “de acordo com Jesus, seus discípulos não são do mundo, mas estão no mundo. Estão cercados pela cultura, com elementos contrários ao evangelho, mas sem imergir nela”. Sendo assim, “a verdade tornaria os discípulos impermeáveis aos erros da cultura ao redor” ([REIS, 2014, p. 9-10](#)).

Rumo ao fim de seu artigo, [Reis \(2014, p. 9-10\)](#) declara que, “pelo que tudo indica, muitos adventistas [hoje] renunciam claros ensinamentos bíblicos da igreja”. Combatendo tais preceitos, conclui sua argumentação declarando que,

quando vivermos a verdade em uma cultura que a rejeitou e valorizarmos a obediência a toda a Palavra de Deus, como Paulo e Jesus (Mt 4:4; At 20:27, 30), isso causará profundo impacto nas pessoas à nossa volta. Santificados na verdade, venceremos! ([REIS, 2014, p. 9-10](#)).

Mediante leitura geral das informações levantadas nas publicações da *Revista Adventista*, nota-se uma definição geral comum acerca do termo “cultura”, a partir dos sentidos já mencionados. No que se refere aos meios de sua composição, contudo, é possível afirmar que a visão “ortodoxa” da igreja, como foi concebida pelos pioneiros, manteve aceitação constante nos escritos adventistas reproduzidos na RA até as décadas de 1970-1980. Após essas décadas, afigurou-se uma divisão da percepção, agrupando os teóricos em dois principais grupos: um primeiro, que assimila a noção de “cultura neutra”, e um segundo, que mantém a percepção inicial da igreja de que a cultura deve ser aceita apenas quando coerente com a Palavra de Deus. Tal discussão pode ser notada ainda hoje nos variados níveis e áreas do adventismo, embora a própria igreja, como organização, tenha mantido sua posição de forma unificada durante todo o período de sua história, como será apresentado mais adiante.

A cultura na perspectiva de teólogos adventistas ortodoxos contemporâneos

Atualmente, há teólogos adventistas que se propõem a examinar mais detidamente o fenômeno “cultura”. Na presente seção, serão brevemente explorados os estudos desenvolvidos por dois teólogos que muito contribuíram para a discussão do tema, possibilitando observar a mais proeminente compreensão atual do conceito, naquilo que se pode denominar “ortodoxia adventista”.⁵

Alberto Timm

Doutor em Teologia, Alberto Timm é diretor associado do Ellen G. White Estate, além de membro da Adventist Theological Society, exercendo, como teólogo, grande influência no adventismo contemporâneo. Seus muitos escritos abordam temáticas relacionadas à história do adventismo e a elementos concernentes à praxe adventista.

No que se refere ao fenômeno “cultura”, Timm registra claras menções de sua compreensão do paradigma e de sua formação. No artigo intitulado “Estudos bíblicos contextualizados”, com o objetivo de apresentar orientações sobre como estabelecer a relação entre o evangelho e as culturas receptoras no evangelismo transcultural, o uso do termo “cultura” como a identidade de um povo fica claro já na introdução ([TIMM, 2013, p. 1](#)).

Nesse trabalho, [Timm \(2013, p. 1\)](#) afirma que “no mundo existem inúmeras culturas e pessoas as mais diversas”, atribuindo ao termo “cultura” um sentido de identidades múltiplas, divergentes umas das outras, estabelecendo assim, grupos distintos em conhecimentos e práticas. Após tal declaração, ele afirma que, ao se propor um estudo bíblico transcultural, “a ênfase deve estar na proteção divina para aqueles que obedecem à Palavra de Deus, mesmo que ela esteja em desacordo com a cultura predominante” ([TIMM, 2013, p. 1](#)).

Essa relação bem definida entre cultura e princípios bíblicos é trabalhada várias outras vezes por Timm. Ao tratar acerca da harmonia interna das Escrituras, ele afirma que não é possível ver os elementos de relações culturais expostos na Bíblia “como condicionamentos culturais que distorcem a unidade básica da Palavra de Deus, mas, precisamente o oposto: princípios universais que transcendem qualquer cultura específica” ([TIMM, 2008, p. 1](#)).

Sendo assim, essas relações culturais “admitidas” pelos escritores bíblicos não representam ataques para a unidade bíblica. Em suas palavras, esclarecendo tal posicionamento, ele afirma que conforme apresentado nas Escrituras:

A cultura popular deve ser aceita apenas até o ponto em que não conflite com os valores bíblicos. Quando tal conflito surge, o verdadeiro cristão não hesita em romper com os componentes antibíblicos de sua própria cultura, pois, de acordo com o conceito apostólico, “antes, importa obedecer a Deus do que aos homens” (At 5:29) ([TIMM, 2008, p. 1](#)).

.....

⁵ Os aspectos aqui destacados refletem a percepção mais “autorizada” da IASD. Em outras palavras, certamente há outros, dentre os teólogos adventistas, que se posicionam de forma distinta, ou até mesmo contrária aos teólogos aqui mencionados; a opção por seus nomes se deu por sua maior proximidade da “ortodoxia” da igreja, conforme refletida nas declarações oficiais da IASD e nos escritos dos pioneiros.

Em outros textos, [Timm \(1999, p. 27\)](#) esclarece tal percepção, afirmando que isso não significa que os cristãos devem renunciar a sua identidade natal, mas que devem “romper apenas com os elementos de nossa cultura que estejam em direta oposição aos princípios universais da palavra de Deus”. Isso remete ao princípio básico da relação “cultura x princípios bíblicos”, apontando que, “embora o cristão seja ao mesmo tempo um cidadão deste mundo e do reino de Deus, ele não pode se esquecer de que sua cidadania celestial tem precedência sobre sua cidadania terrestre” ([TIMM, 1997, p. 29](#)).

Observando os textos de Timm, nota-se que ele segue o padrão conceitual do termo “cultura” com o significado de identidade formada a partir de certos pressupostos. Rejeitando, portanto, o conceito de “cultura neutra”, Timm assume a ideia básica de que os pressupostos formadores do paradigma cultural dos cristãos devem estar fundamentados unicamente nas Escrituras. A partir disso, a identidade cristã fica responsável por nortear a vida num contexto dito secular ([TIMM, 1997, p. 29](#)).

Fernando Canale

Sendo professor emérito da Universidade Andrews (EUA), a mais prestigiada universidade da rede mundial de educação adventista, Canale é outra das vozes mais proeminentes da teologia adventista contemporânea e um dos mais atentos teólogos adventistas no que diz respeito ao estudo do fenômeno “cultura”.

Em suas muitas páginas a respeito do tema, Canale busca apresentar a relação existente entre o adventismo e a cultura; relação que tem sido percebida cada vez mais problemática na contemporaneidade, pois, segundo ele, observa-se um distanciamento da percepção estabelecida ainda nos primórdios da organização ([CANALE, 2007a, p. 62](#)).

Na grande maioria das ocorrências do termo, Canale faz uso do conceito “cultura” como identidade, sendo essa, de fato, uma construção formada a partir de filosofias, ciências e cultura popular de um povo específico ([CANALE, 2007b, p. 133](#)); aquilo que gera os modos de pensar e agir de tal povo ([CANALE, 2007a, p. 60](#)). Nesse sentido, as culturas são distintas a partir da distinção de seus pressupostos.

Canale segue uma linha de raciocínio muito próxima àquela dos cristãos do primeiro século, abordando o cristianismo como uma espécie de cultura única apropriada ([cf. LEITE, 2020](#)). Ele propõe que esse aspecto de uma “cultura cristã adventista” deve ser a base unificadora dos crentes da IASD, hoje tão amplamente distribuídos pelo globo ([CANALE, 2007b, p. 133](#)). Para isso, os adventistas precisam se embasar nos chamados “pilares do adventismo”, estabelecidos ainda pelos pioneiros. Esses pilares funcionam como chave metodológica e teológica estritamente bíblica para interpretação das verdades reveladas ([CANALE, 2007b, p. 134](#)).

Devido ao fato de que a cultura secular é formulada a partir de pressupostos extrabíblicos, estranhos aos princípios bíblicos, Canale apresenta como necessária uma reformulação cultural na mente de cada novo crente. A verdade de Cristo precisa tomar lugar dos padrões culturais nos quais eles foram criados ([CANALE, 2012, p. 230](#)). Sendo assim, a conversão faz com que seja abandonado o velho eu – sendo parte dessa delineação a própria cultura mundana –, passando, assim, a possuir a mente de Cristo, seus padrões de valores, sua “cultura” ([CANALE, 2012, p. 220](#)).

Em suma, Canale compreende o fenômeno “cultura” como a identidade de um povo, formada por suas filosofias, ciências e cultura popular ([CANALE, 2007b, p. 133](#)). No que se refere à cultura cristã ou adventista, ele advoga que essa última deve ter seu fundamento somente na Bíblia, se desvinculando completamente de pressuposições ou concepções mundanas; o resultado disso seria a união entre os crentes e a correta vivência do estilo de vida cristão ([CANALE, 2007b, p. 133, 136; 2012, p. 236](#)).

Tendo sido encerrada a presente seção, onde se objetivou sistematizar como o conceito de cultura foi compreendido no meio adventista do sétimo dia através de teólogos preeminentes, dá-se rumo a uma breve exposição dos votos oficiais da IASD que se relacionam com o tema.

Posicionamentos oficiais

A Igreja Adventista mundial é dirigida por uma comissão de delegados de todos os campos, chamada “Comissão da Associação Geral”. Essa comissão recebe sua delegação de poderes diretamente da Assembleia Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, que é a autoridade máxima da igreja. O que é votado por esse grupo faz parte do que pode ser agrupado como “posicionamento oficial” da IASD. Em outras palavras, unicamente aquilo que recebe aval da Assembleia Geral e/ou de sua comissão delegada pode ser tido como crença oficial.

Dentre vários votos, as maiores reflexões desse “posicionamento oficial” são dois documentos: o Manual da Igreja e as “Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia” ([ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD, 2016, p. 165-177](#)). As declarações de crenças fundamentais constam no Manual da Igreja, e são trabalhadas de forma mais exaustiva por uma comissão selecionada pela Assembleia Geral no livro Nisto Cremos ([ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD, 2012](#)).

O termo “cultura” – conjugado ou de forma simples – aparece nove vezes no decorrer do Manual da Igreja. Sendo apenas uma das ocorrências restrita ao significado de cultura intelectual, as próximas oito se referem a cultura como identidade de um povo ([ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD, 2016, p. 152](#)). Dentre essas oito ocorrências, cinco abordam elementos práticos que se relacionam com as realidades culturais diversas dos adventistas do sétimo dia ao redor do globo, como a declaração de consentimento no momento pré-batistal da profissão de fé, planos para a Escola Sabatina,⁶ ministração das necessidades femininas, o uso da aliança de casamento e a liturgia da igreja ([ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD, 2012, p. 47, 99, 105, 151, 184](#)).

As outras três ocorrências refletem atenção à relação “princípios bíblicos” versus “cultura receptora”. No que diz respeito ao Manual da Igreja, há uma clarificação da percepção adventista acerca da formação paradigmática cultural, pois, ao tratar a respeito do casamento polígamo, declara que “tais casamentos, embora tenham sido praticados nos tempos do Antigo Testamento, não estão em harmonia com o desígnio divino”. Isso porque “o plano de Deus para o casamento requer que seu povo se eleve acima dos costumes da cultura popular que estão em conflito com a perspectiva bíblica” ([ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD, 2012, p. 160](#)).

.....

⁶ Trata-se do principal programa doutrinário da IASD, pautado em quatro objetivos básicos: “estudo da Bíblia, confraternização, testemunho e ênfase na missão mundial”. Para tanto, são promovidas reuniões semanais de estudo, em todas as unidades da IASD, onde é feito uso de um guia denominado *Lição da Escola Sabatina* (ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD, 2016, p. 99).

Nota-se, portanto, que a IASD possui uma perspectiva de que a cultura popular é distinta da cultura da Palavra de Deus, aqui chamada de “perspectiva bíblica”. Nesse sentido, aspectos culturais devem ser respeitados, desde que não firam os princípios bíblicos. Porém, quando essa relação “princípios bíblicos” versus “cultura” fica instável, o crente deve optar por se elevar acima da cultura popular, se posicionando ao lado da Bíblia.

Essa percepção é mais bem esclarecida nas declarações de crenças fundamentais dos adventistas do sétimo dia, conforme trabalhadas no Nisto Cremos, principalmente no que se refere a duas crenças fundamentais, de números 13, “Unidade no corpo de Cristo”, e 22, “Conduta cristã” ([ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD, 2016, p. 165-177](#)). A base fundamental da crença número 13 é que, a partir do momento em que o crente adentra a igreja, não há uma cultura popular para ele. Todos são unidos através do espírito de Cristo, adentrando a “cultura cristã”, como apresentada pelas Escrituras ([ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD, 2012, p. 235](#)).

Em outras palavras, o cristão não somente pode, mas deve aceitar as peculiaridades daqueles que ouvem a mensagem, desde que essas não firam os princípios bíblicos. Contudo, isso não significa que haverá sincretismo entre a cultura secular/popular e a cultura cristã ([ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD, 2012, p. 366](#)). Assim, a cultura comum a ser vivenciada na igreja deve ser formada unicamente pelos princípios extraídos das Escrituras, sendo que, de fato, os cristãos foram “chamados para ser um povo piedoso que pensa, sente e age de acordo com os princípios do Céu” ([ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD, 2012, p. 366](#)).

Tendo isso em mente, o cristão deve se posicionar aos pés de Deus, “para que o Espírito recrie [nele] o caráter de nosso Senhor”, se envolvendo, assim, unicamente “naquelas coisas que produzirão em [sua] vida pureza, saúde e alegria semelhantes às de Cristo” ([ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD, 2012, p. 366](#)). O próprio livro esclarece tal declaração, ao explicar que “embora reconheçamos diferenças culturais, nosso vestuário deve ser simples; [...] devemos empenhar-nos em tudo que submeta nossos pensamentos e nosso corpo à disciplina de Cristo” ([ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD, 2012, p. 366](#)).

Esse posicionamento mantém de forma direta a percepção paradigmática desenvolvida ainda pelos pioneiros adventistas, carregando a visão de que cultura de fato é o conhecimento/identidade de um povo, formada por seus pressupostos e elementos reconhecíveis. Além disso, é assumido que o cristão deve se desvencilhar de valores culturais que possam refletir um contraste com os princípios bíblicos, refletindo não sua cultura popular, mas sim a cultura cristã, semelhante ao caráter de seu Senhor.

Outros votos oficiais como um guia de orientação quanto a fenômenos culturalmente condicionados na observância do sábado ([ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD, 1990](#)), e orientações quanto à adoração e música sacra ([ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD, 2004](#)), refletem tal percepção.

Considerações finais

Como afirmado nas páginas iniciais deste artigo, o conceito de cultura é primordial na discussão cristã, devido a, dentre outros fatores, sua forte influência na práxis do cristianismo. Tendo isso em mente, o presente estudo objetivou examinar como tal conceito foi e é trabalhado na IASD, visando compreender sua definição e implicações.

De forma geral, foi possível observar que a IASD, tanto como organização quanto através de seus teólogos, compreende o conceito de cultura como conhecimento/identidade de um povo, embora o termo também tenha sido utilizado em seus primórdios com conotações agrárias e metafóricas para o desenvolvimento intelectual. Essa identidade é desenvolvida por intermédio de pressupostos adquiridos, ou seja, por elementos fundamentais que compõem a base do paradigma cultural de cada povo.

Desde seus primórdios, a IASD foi fundamentada no princípio de que não existe uma cultura neutra, ou seja, desprovida do embasamento de alguns conceitos e com a pretensão de afirmar esses conceitos em seus adeptos. Dessa forma, o cristão, ao ser convertido pela ação do Espírito Santo, deve abandonar os elementos culturais seculares que afrontam os princípios bíblicos. Apenas nessa hipótese, ele irá internalizar a “cultura cristã”, cultura essa que deve ser formada em seu paradigma por pressupostos unicamente revelacionais.⁷

Essa percepção é defendida pela IASD em seus votos oficiais e atestada pelos pioneiros e pela maior parte de seus teólogos ao longo da história, embora, em algum momento, alguns tenham se distanciado dessa concepção, adotando a noção de cultura neutra.

Referências

ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD. **Filosofia adventista do sétimo dia com relação à música**. 2004. Disponível em <https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/filosofia-adventista-setimo-dia-relacao-musica/> Acesso em 27 set. 2016.

ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD. **Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia – revisado na Assembleia da Associação Geral de 2015**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD. **Nisto cremos: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. 2. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD. **Diretrizes sobre a observância do sábado**. 1990. Disponível em <http://www.centrowhite.org.br/diretrizes-sobre-a-observancia-do-sabado/> Acesso em 27 set. 2016.

BURIGATTO, I. Mais onze. **Revista Adventista**, v. 58, n. 7, jul. 1963.

CANALE, F. **¿Adventismo secular? cómo entender la relación entre estilo de vida y salvación**. Lima, Peru: Universidad Peruana Unión, 2012.

CANALE, F. Completando la teología adventista: el proyecto teológico adventista y su impacto en la iglesia – parte I. **DavarLogos**, v. 6, n. 1, 2007a. Disponível em <https://publicaciones.uap.edu.ar/index.php/davarlogos/article/view/286> Acesso em 05 dez. 2021.

CANALE, F. Completando la teología adventista: el proyecto teológico adventista y su impacto en la iglesia – parte II. **DavarLogos**, v. 6, n. 2, 2007b. Disponível em <https://publicaciones.uap.edu.ar/index.php/davarlogos/article/view/279> Acesso em 05 dez. 2021.

.....
⁷ Isso não elimina costumes compatíveis com os pressupostos bíblicos. Em outras palavras, a cultura que deve ser apresentada para aqueles que ouvem o evangelho é uma cultura bíblica, não a cultura secular daqueles que estão transmitindo o evangelho, possibilitando aos receptores a manutenção de hábitos que não conflitem com os princípios expostos nas Escrituras.



- COLLINS, N. J. **Retratos dos pioneiros**: detalhes inspiradores da vida dos primeiros adventistas. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- DOUGLASS, H. E. **Mensageira do Senhor**. 3. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GLORY all of God. **Advent Review and Sabbath Herald**, Berrien Springs, v. 7, n. 14, jan. 1856.
- GORSKY, N. Ideais do jovem adventista no mundo em mudança. **Revista Adventista**, v. 65, n. 7, jul. 1970.
- HASKELL, S. N. **The cross and its shadow**. South Lancaster: Bible Training School, 1914.
- HASKELL, S. N. **The story of Daniel the prophet**. Battle Creek: Bible Training School, 1977.
- HASKELL, S. N. **The story of the seer of Patmos**. Nashville: Southern Publishing Ass., 1905.
- KEEP your spirit cheerful. **Advent Review and Sabbath Herald**, v. 8, n. 22, out. 1856.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- LEITE, E. C. O conceito de cultura no cristianismo e suas implicações. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 23, n. 2, jul.-dez. 2020. <https://doi.org/10.34019/2236-6296.2020.v23.30962>
- MAUTNER, T. **Dicionário de filosofia**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- MCKIBBIN, A. E. A cultura de nossos filhos. **Revista Adventista**, v. 31, n. 4, abr. 1936.
- M'CONAUGH, J. E. Christ's criterion. **Advent Review and Sabbath Herald**, v. 55, n. 25, jun. 1880.
- MINTZ, S. W. Cultura: uma visão antropológica. **The Yale Review**, New Haven, v. 17, n. 4, 1982.
- NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1955.
- REIS, D. O remanescente e a cultura pós-moderna. **Revista Adventista**, v. 109, n. 5, mai. 2014
- SCHWARZ, R. W.; GREENLEAF, F. **Portadores de luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho, SP: Unasp, 2009.
- SEVENTH-DAY Adventist Encyclopedia**. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1996.
- SILVA K. V.; SILVA M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Editora Contexto. 2006.
- SMITH, U. **Considerações sobre Daniel e Apocalipse**. 2. ed. Engenheiro Coelho, SP: Centro White, 2014.
- SMITH, U. **Daniel and the Revelation**. 3. ed. Battle Creek: Seventh-Day Adventist Publishing Association, 1885.
- SMITH, U. **Synopsis of the present truth**: a brief exposition of the views of Adventists. Oakland: Pacific Press, 1884.



- SMITH, U. **The marvel of nations**. Battle Creek: Review and Herald, 1886.
- TAYLOR, M. Entrevista: música e adoração. **Revista Adventista**, v. 78, n. 3, mar. 1983.
- TEIXEIRA, C. F. **Teologia e filosofia**. Engenheiro Coelho: Academia Teológica, 2015.
- TIMM, A. R. **Boa música**. 1997. Disponível em <https://cdn1.unasp.br/ec/sites/centrowhite/wp-content/uploads/2013/01/10064435/Que-principios-os-cristaos-devem-levar-em-consideracao-na-escolha-da-musica.pdf>. Acesso em 27 set. 2016.
- TIMM, A. R. **Ferramentas para a mobilização**: estudos bíblicos contextualizados. 2013. Disponível em: <https://cutt.ly/eySvE0k/> Acesso em 28 nov. 2016.
- TIMM, A. R. **O uso de véu**. 1999. Disponível em <http://www.centrowhite.org.br/perguntas/perguntas-e-respostas-biblicas/o-uso-de-veu/> Acesso em 28 nov. 2016.
- TIMM, A. R. **Quão confiável é a Bíblia?** 2008. Disponível em <http://www.criacionismo.com.br/2008/05/quo-confiavel-bblia.html> Acesso em 28 nov. 2016.
- TONETTI, M. Novos tempos. **Revista Adventista**, São Paulo, v. 110, n. 4, mar. 2015.
- WHEELER, L. S. A higher culture for a higher life. **Advent Review and Sabbath Herald**, Berrien Springs, v. 70, n. 02, jan. 1893.
- WHITE, E. G. **O grande conflito**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988.
- WHITE, E. G. **O lar adventista**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990.
- WHITE, E. G. **Conselhos sobre saúde**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1991a.
- WHITE, E. G. **Patriarcas e profetas**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1991b.
- WHITE, E. G. **Obreiros evangélicos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993.
- WHITE, E. G. **Fundamentos da educação cristã**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.
- WHITE, E. G. **Educação**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997a.
- WHITE, E. G. **Evangelismo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997b.
- WHITE, E. G. **Mensagens escolhidas**. v. 2. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000a.
- WHITE, E. G. **Parábolas de Jesus**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000b.
- WHITE, E. G. **Conselhos sobre educação**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.
- WHITE, E. G. **A verdade sobre os anjos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- WHITE, E. G. **A ciência do bom viver**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006a.
- WHITE, E. G. **Atos dos apóstolos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006b.